

CLÍNICA-ESCOLA: LEVANTAMENTO DE INSTRUMENTOS UTILIZADOS NO PROCESSO PSICODIAGNÓSTICO

CLÍNICA-ESCOLA: LEVANTAMENTO DE INSTRUMENTOS

*Fernanda Andrade de Freitas¹
Ana Paula Porto Noronha²*

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo fazer um levantamento da frequência e da categoria dos testes psicológicos utilizados durante o psicodiagnóstico em uma clínica-escola. O levantamento baseou-se em 32 prontuários do arquivo. Os resultados apontaram que os instrumentos psicológicos mais utilizados foram HTP, CAT - A, T.A.T., e DFH. Quanto às faixas etárias dos sujeitos, verificou-se que as avaliações de crianças envolveram mais técnicas psicológicas, do que as de adolescentes, adultos e idosos. Ainda em relação aos dados, percebe-se que há pouca variação na utilização dos testes psicológicos, pois alguns deles foram usados em diferentes faixas etárias.

Palavras-Chave: Testes Psicológicos; Avaliação Psicológica; Clínica-Escola.

SCHOOL PSYCHOLOGY CLINIC: A SURVEY OF INSTRUMENTS USED IN PSYCHODIAGNOSTICS PROCESS

Abstract

This study aims a survey about the frequency and category of the psychological tests used during the psychodiagnosis in a school psychology clinic. The survey based on 32 patients' report cards from the file. The results indicated that the most used psychological instruments were HTP, CAT - A, T.A.T., e DFH. Related to the group age, the assessment carried out with children had involved more psychological techniques than in the assessment carried out with teenagers, adults and elderly. There are few variations in the use of psychological tests because several of them carried out with different age groups.

Keywords: Psychological Tests; Psychological Assessment; School Psychology Clinic.

INTRODUÇÃO

Testes psicológicos

Os testes psicológicos são instrumentos de uso privativo dos psicólogos, com base na Lei nº 4.119/62 (CFP, 2001). Esses instrumentos podem ser utilizados em vários contextos de atuação do psicólogo como em instituições (escolas, empresas e clínicas-escolas de universidades) com fins diagnósticos e interventivos.

A avaliação psicológica em contexto clínico é denominada de psicodiagnóstico que, por sua vez é definido

como processo científico, limitado no tempo que utiliza métodos e técnicas psicológicas, para entender problemas à luz de pressupostos teóricos, assim como para identificar e avaliar aspectos específicos (Cunha, 2000). Ocampo, Arzeno, Felzenswalb e Piccolo (1986) definem psicodiagnóstico como

um processo que configura uma situação com papéis bem definidos e com um contrato onde uma

¹ *Psicóloga, Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco. Docente do curso de graduação em Psicologia, da Universidade São Francisco.*

² *Doutora em Psicologia: ciência e profissão pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Docente do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, da Universidade São Francisco. Bolsista Produtividade em Pesquisa CNPq.*

pessoa (paciente) pede que ajudem e outra (o psicólogo) aceita o pedido e se compromete a satisfazê-lo na medida de suas possibilidades. É uma situação bi-pessoal (psicólogo-paciente ou psicólogo-grupo familiar), de duração limitada, cujo o objetivo é conseguir uma descrição e compreensão, o mais profunda e completa possível, da personalidade total do paciente ou do grupo familiar....Abrange os aspectos passados, presentes (diagnóstico) e futuros (prognósticos) desta personalidade, utilizando para alcançar tais objetivos certas técnicas (entrevista semidirigida, técnicas projetivas, entrevista de devolução) (p. 17).

Nesse sentido, os testes psicológicos, compreendidos por esses autores como uma técnica, são utilizados no psicodiagnóstico a fim de classificar e descrever o comportamento dos sujeitos com o objetivo de enquadrá-lo em tipologias, permitindo ao profissional tirar conclusões sobre os outros e, estabelecer prognósticos (Pasquali, 2001).

Os testes psicológicos apresentam características diferentes das outras técnicas, pois são compreendidos como “uma medida objetiva e padronizada de uma amostra de comportamento” (Anastasi & Urbina, 2000, p. 18). Essas características dos testes psicológicos, a saber, *objetividade, uniformidade de procedimento com base numa amostra de comportament*, são as que os diferem de outras técnicas, tais como, entrevista, observação, dinâmicas de grupo ou de outras, por serem menos objetivas.

O psicodiagnóstico compreende várias etapas que envolvem a entrevista inicial, a administração dos testes e, por último a entrevista de devolução (Nunes, conforme citado por Cunha, 2000). A administração dos testes caracteriza um momento peculiar do processo de avaliação devido à possibilidade de obter dados sobre a pessoa em questão, a fim de conhecer sua história mais detalhadamente, assim como buscar informações relacionadas ao desenvolvimento, à escolaridade, às relações familiares, aos aspectos profissionais, sociais, entre outros.

No que se refere ao ensino de psicodiagnóstico também denominado de avaliação psicológica, Quelho, Munhoz, Damião e Gomes (1999) afirmam que a disciplina (psicodiagnóstico) é um dos pilares fundamentais do curso de Psicologia, cujo objetivo é desenvolver no aluno a integração dos conhecimentos. Nas clínicas-escolas, o processo de avaliação psicológica é subdividido em teoria e prática, reservando ao aluno a oportunidade de experienciá-lo, desde a compreensão das queixas

relatadas pelo cliente até ao encaminhamento para a terapia psicológica ou outro tratamento, se necessário.

A prática do aluno está, necessariamente, embasada em disciplinas, como a Psicopatologia e Técnicas de Exames Psicológicos (TEP), consideradas imprescindíveis no processo de aprendizagem (Quelho & cols. 1999; Yukimitsu, 1999). Elas, por sua vez, abordam a administração e os testes e técnicas, a integração de dados e a compreensão dos transtornos mentais.

Vale destacar que o aluno, em relação à parte prática do psicodiagnóstico, tem como respaldo o estágio supervisionado no qual o elemento central é a supervisão (Campos, 1995). Aos supervisores responsáveis pelo conteúdo prático do psicodiagnóstico, são atribuídas as responsabilidades de planejar as supervisões, para que o supervisionado tenha o mínimo de experiência e competência para a livre prática profissional, uma vez que a supervisão fornece uma orientação formalizada para suprir as necessidades de formação dos alunos (Archanjo & cols. 1998).

DIFERENTES CONTEXTOS EM AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA

Problemas na formação do profissional na área de Avaliação Psicológica foram identificados pelo Fórum de Discussão promovido pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 1997), sobretudo no que se refere à deficiência e carência de fundamentação teórica. Um retrato dessa deficiência pode ser descrito por Quelho e cols. (1999) quando levantaram as concordâncias e discordâncias junto aos supervisores, em relação ao processo de ensino da disciplina de psicodiagnóstico. Os argumentos dos sete supervisores foram organizados em objetivos de curso, pré-requisitos e dificuldades dos alunos. A partir disso, foram apontadas as dificuldades dos alunos no que se refere à incapacidade de associar informações advindas de diversas fontes, além da falta de prática para associar teoria e prática para lidar com materiais de testes. A disciplina Técnicas de Exames Psicológicos é um dos pré-requisitos para o estágio supervisionado em psicodiagnóstico, e ainda os supervisores descrevem aspectos gerais da utilização de testes no psicodiagnóstico, a saber, o fato deles utilizarem os testes psicológicos de forma padrão, indicarem teste de acordo com a necessidade do cliente e nem sempre fazer uso deles.

Nesse sentido, a formação profissional deve ser eficiente e garantir uma preparação adequada aos futuros psicólogos, pois se espera que diante da utilização dos testes psicológicos, os psicólogos tenham competência suficiente para aplicar e interpretar com adequação os resultados da avaliação. Sob esta perspectiva, vale destacar que a maioria das críticas aos testes não se refere apenas às suas características intrínsecas, mas também ao uso inadequado dos resultados de testes por usuários não qualificados (Anastasi & Urbina, 2000).

Com a preocupação de retratar o ensino das técnicas de exames psicológicos no Brasil, Alves, Marques e Alchieri (2001) fizeram levantamento de 65 programas de disciplinas da área de Avaliação Psicológica por meio dos coordenadores de diversas universidades e também pelos professores que ministram as disciplinas relacionados a Técnicas de Exames Psicológicos (TEP). Os resultados revelaram que em 8 cursos há apenas uma disciplina destinada à Avaliação Psicológica, sendo que o Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo - (USP) e a Universidade Gama Filho, são os cursos com maior número de disciplinas destinadas à Avaliação Psicológica, 12 e 8 respectivamente.

Os pesquisadores também identificaram que os testes e técnicas mais ensinados no caso da avaliação da inteligência são: Raven (70%), WISC (69,2%), Colúmbia e o Goodenough-Harris (41,5%); dentre os testes projetivos destacam-se o T.A.T. (75,4%), CAT e o HTP (69,2) e Rorschach (58,5%); já dentre os testes de personalidade estão o PMK (47,7%), 16 PF (38,5%), MMPI (27,7%) e o Palográfico (16,9%). Na categoria de aptidões específicas, a Bateria CEPA e o DAT são os mais ensinados, ambos, com 47,7%; em relação aos testes de interesse Angelini (41,5%), Kuder (36,8%) e o LIP (24,6%). O Teste de Bender (69,2%) e o Teste Metropolitano de Prontidão (18,5%) também se destacaram dentre os mais ensinados. A média total de instrumentos ensinados por curso é de 18,7.

Em contraste ao ensino de testes psicológicos, Noronha, Oliveira e Beraldo (2003) listaram os instrumentos mais conhecidos e utilizados por profissionais e alunos de Psicologia cursando o último ano. As autoras constataram que os alunos conhecem em média 37,82 instrumentos (DP 36,87), o que representa 21,82% dos 169 listados pelas autoras, enquanto os profissionais conhecem média maior do que os alunos, ou seja, 48,79 da relação apresentada a eles. As autoras concluíram que alguns dos instrumentos mais

conhecidos são também os mais ensinados nos cursos de formação em psicologia, demonstrando a tendência de reproduzir o conhecido, bem como a pequena abertura para o novo.

Em outro contexto, Noronha e cols (2002b) investigaram os instrumentos mais conhecidos por estudantes do sul de Minas Gerais. Os resultados apontaram que o WISC é o mais citado, seguido do PMK, Bender, Raven - Escala Geral, CAT - Animais, CAT - Humanas, Bateria Fatorial CEPA, Rorschach, O Desenho da Figura Humana, Colúmbia, Wartegg, DAT, Inventário de Interesses, Teste da Árvore e o T.A.T. As autoras questionam a falta de critérios para a eleição dos instrumentos que deveriam ser ensinados.

Ainda no que se refere aos testes mais conhecidos/ utilizados, Oliveira e Castro (2000) realizaram levantamento das queixas apresentadas pelos pacientes e das técnicas de exames psicológicos mais utilizadas nos atendimentos em uma clínica-escola na prática de psicodiagnóstico, de acordo com 60 prontuários analisados. Os resultados revelaram que os testes mais utilizados com crianças são: CAT (43%), WISC (27%), HTP (13%), Desenho-História (13%), Bender (10%), Raven (10%), DFH (10%), Colúmbia (7%) e o IAR (4%). Os testes de inteligência foram os mais usados, seguidos dos testes de personalidade. No caso da avaliação de adultos, os instrumentos mais usados foram: T.A.T. (47%), Rorschach (23%), DFH (13%), Wartegg (10%) e o Desenho-História (4%).

A presente pesquisa levantou a frequência e as categorias dos testes e técnicas mais utilizadas no Psicodiagnóstico de uma clínica-escola e observou se há diferença no número de instrumentos utilizados nas diferentes faixas etárias dos respectivos clientes.

MÉTODO

Fonte de dados documental

Para a realização dessa pesquisa foram consultados 32 prontuários dos 76 mantidos no arquivo de uma clínica-escola de uma universidade particular do interior de São Paulo. Importante destacar que os prontuários levantados correspondiam aos arquivamentos realizados em dois semestres, correspondentes ao segundo semestre do ano de 2001 e ao primeiro semestre de 2002, sendo 53% (F=17) dos prontuários relativos ao primeiro ano e 47% (F=15), do segundo.

Procedimento

O trabalho consistiu no levantamento de todos os prontuários que tivessem o processo de psicodiagnóstico completo ou semicompleto, ou seja, o completo implicava na realização da sessão devolutiva, enquanto o semicompleto, na ausência dela. As autoras, com base em cada prontuário, anotavam os testes psicológicos (CAT-A, CAT-H, HTP, Zulliger, Fábulas, DFH, Bender, Symonds, Wartegg, G-36, T.A.T.) utilizados e também outras técnicas como a entrevista (inicial, com a mãe e a devolutiva), anamnese, Hora do Jogo.

RESULTADOS

Frente aos achados desse estudo, verificou-se que a maioria dos clientes que procurou por atendimento na clínica-escola era do sexo feminino (F=18), enquanto F=14 era do sexo masculino, não observada diferença significativa entre as variáveis gênero e semestre [$X^2(1, N=32) = 0,395, p=0,530$]. De acordo com a Tabela 1, a maioria dos sujeitos freqüentava o ensino fundamental 53% (F=17), e uma minoria tinha o ensino superior 3,1% (F=1). Em relação ao número de sessões realizadas, constatou-se que em média foram efetuadas cinco sessões, variando de uma a 13 (DP= 2,86).

Tabela 1. Freqüência do nível de instrução dos sujeitos referentes aos prontuários.

Nível de Instrução	F	F%
Infantil I e II	3	9,4
Creche	1	3,1
Ensino Fundamental	17	53,1
Ensino Médio	7	21,9
Ensino Superior	1	3,1
Sem dados	3	9,4
Total	32	100

Na Tabela 2 encontram-se os testes psicológicos mais usados, a saber, HTP, CAT-A, CAT-H e Zulliger. Ainda em relação aos testes, 66,7% (F=8) eram de avaliação da personalidade, 16,7% (F=2) de inteligência, 8,3% (F=1) de prontidão para alfabetização e 8,3% (F=1) visomotores, totalizando 12 testes utilizados.

Quanto à freqüência com que os testes eram utilizados, o mais requisitado foi o HTP, sendo que seis

terapeutas-estagiários fizeram uso dessa técnica de avaliação. Em seguida encontrou-se o CAT-A (41,6%, F=5), o T.A.T., (33,3%, F=4) e o DFH (25%, F=3). O HTP e o T.A.T. tiveram maiores freqüências de utilização na terceira sessão e o CAT-A, na quinta sessão. As sessões em que mais se aplicaram testes psicológicos, durante o processo de psicodiagnóstico, foram da terceira sessão (3S) até a sexta sessão (6S).

Tanto na primeira como na segunda sessão, observou-se uma freqüência maior de técnicas psicológicas para iniciar o processo de avaliação, tais como, entrevista inicial, e entrevista com a mãe, hora do jogo e anamnese, sendo as mais freqüentes a entrevista inicial com o paciente e a entrevista com a mãe. Já a partir da sexta sessão em diante, percebeu-se que a freqüência de utilização dos testes psicológicos e ainda o uso das técnicas, bem como a entrevista inicial, hora do jogo e anamnese.

Para melhor organização da distribuição dos testes psicológicos por idade, as autoras definiram o grupo 1 correspondente a faixa etária (1 - 12 anos), na qual, concentra-se o maior número de pessoas (F=17), já no grupo 2 (13 - 20 anos) com F= 6, seguida do grupo 3 (21 - 40) com F=7 e por último o grupo 4 (41 anos em diante) com F=2 (Tabela 3).

Nota-se que o grupo 1 (1 - 12 anos) utilizou mais técnicas, a saber, hora do jogo, entrevista inicial, entrevista com a mãe e a entrevista devolutiva. Os testes mais utilizados foram CAT-A, CAT-H, HTP, Fábulas, DFH e Bender. Já no grupo 2 (13 - 20 anos) a utilização da entrevista inicial, se deu numa freqüência menor em comparação com o grupo 1. O uso dos testes psicológicos, distinguiu-se bastante do grupo 1, em função da população atendida, sendo mais utilizados o T.A.T. (F=3), HTP (F=1), Symonds (F=1).

No grupo 3 (21 - 40 anos), a entrevista foi a técnica mais utilizada (F=16). Os testes psicológicos para esse grupo foram o HTP e T.A.T., Zulliger e o Bender. As técnicas utilizadas no grupo 4 (41 anos em diante) obtiveram a mesma proporção comparado ao grupo 3, como: a entrevista inicial, anamnese e devolutiva (F=2). Enquanto os testes T.A.T., HTP e Zulliger apareceram com maior freqüência no grupo 4. Vale ressaltar que diante da amostra de 32 prontuários coletados, somente 13 deles, apresentaram o psicodiagnóstico completo.

Tabela 2. Distribuição da frequência dos instrumentos e testes psicológicos utilizados por sessão.

Técnicas/Testes Psicológicos	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8	S9	S10	S11	S12	S13	TOTAL
Entrevista Inicial	13	13	10	7	4	1	2							50
Entrevista com a mãe	13	2	1	1	1									18
Hora do Jogo	5	4	4	1	1	2	1			1				18
Anamnese		7	3		1	1	1		1					14
Devolutiva					5	1	1	4	1			1	1	14
http			3	1		2								6
CAT-A			1		2	1	1							5
T.A.T.			3	1										4
DFH				1			1	1						2
CAT-H				1	1									2
Zulliger				1	1									2
Fábulas					1	1								2
Bender				1				1						2
Symonds				1										1
Wartegg						1								1
G-36							1							1
Teste Metropolitano											1			1

Tabela 3. Levantamento das técnicas e testes psicológicos por idade/grupo.

Técnicas e testes utilizados	Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Grupo 4		TOTAL
	F	%	F	%	F	%	F	%	F
Entrevista Inicial	19	38	13	26	16	32	2	4	50
Anamnese	10	71,4	0	0	2	14,3	2	14,3	14
Entrevista com a mãe	13	72,2	3	16,7	2	11,1	0	0	18
Hora do Jogo	19	100	0	0	0	0	0	0	19
CAT-A	5	100	0	0	0	0	0	0	5
CAT-H	2	100	0	0	0	0	0	0	2
HTP	2	33,3	1	16,7	2	33,3	1	16,7	6
Zulliger	0	0	0	0	1	50	1	50	2
Fábulas	2	100	0	0	0	0	0	0	2
DFH	2	100	0	0	0	0	0	0	2
Bender	1	50	0	0	1	50	0	0	2
Symonds	0	0	1	100	0	0	0	0	1
Wartegg	0	0	0	0	1	100	0	0	1
G-3	0	0	0	0	1	100	0	0	1
TAT	0	0	3	42,9	2	28,6	2	28,6	7
Devolutiva	7	50	3	21,4	2	14,3	2	14,3	14
TOTAL	17		6		7		2		32

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O levantamento de dados permitiu visualizar uma homogeneidade, ou seja, pouca variação na escolha de testes, mesmo considerando as diferentes faixas etárias. O teste HTP, por exemplo, é utilizado nos diferentes grupos de idade, o T.A.T. encontra-se em adolescentes e adultos, enquanto o Bender (avaliação percepto-motora e emocional) foi descrito como sendo utilizado em crianças e adultos.

Os achados estão em concordância com os de Castro e Oliveira (2000), à medida que os autores afirmam que os testes mais utilizados em crianças são o CAT, HTP e Bender, e com adultos, T.A.T., Zulliger e Rorschach. Ainda nesse sentido, observou-se que os mesmos testes aparecem como sendo utilizados tanto com crianças quanto com adultos. O estudo de Alves e cols. (2001) retrata resultados semelhantes ao abordar as técnicas e os testes mais ensinados na disciplina de TEP no curso de Psicologia. A respeito disso, Noronha e cols. (2003) afirmam que alguns dos instrumentos mais conhecidos são também os mais ensinados nos cursos de formação em psicologia.

Os testes projetivos são os mais utilizados nessa realidade de clínica-escola. Para Alves (1997) há pertinência na sua aplicação no processo de avaliação, pois eles têm ampla aplicação para investigação e diagnóstico da personalidade. Em contrapartida, reconhece-se que outras formas de avaliar a personalidade, tais como inventários, escalas, questionários podem ser igualmente eficientes, considerando que os padronizados “oferecem vantagens em relação aos não estru-

turados, tendo-se em vista que seus itens são selecionados empiricamente” (Meehl, conforme citado por Noronha, Sartori, Freitas, Ottati, 2002, p. 144).

Contrariamente ao que se afirmou até agora, ou seja, que os instrumentos mais usados são os ensinados na graduação em Psicologia, o teste Zulliger usado no processo Psicodiagnóstico desse estudo, não tem sido identificado como ensinado nos cursos de Psicologia, assim como não figura dentre os mais conhecidos por profissionais e estudantes de Psicologia (Oliveira & Castro, 2000; Alves & cols. 2001; Noronha & cols. 2003).

No que se refere à formação profissional estudos têm apontado para a sua relação com o uso adequado dos instrumentos de medida. Nesse sentido, Noronha (2002), Anastasi e Urbina (2000), Cunha (2000) e Prieto e Muñiz (1999) endossam a tese de que a Psicologia, assim como qualquer outra área de conhecimento, necessita de profissionais competentes que realizem ações seguras e pontuais. Além disso, cursos de “reciclagem” desses profissionais, assim como palestras de atualização desenvolvidas por órgãos e associações de classe podem colaborar na disseminação de informações atualizadas.

Sabe-se que esse trabalho não respondeu todas as questões e nem poderia fazê-lo, considerando as muitas necessidades que a área de avaliação ainda possui no Brasil atualmente. Sugere-se que novos estudos posam abordar a relação entre a natureza da queixa (psicodiagnóstico) associada à faixa etária e aos instrumentos mais utilizados, assim como a análise da relação entre técnicas e testes empregados e abordagem teórica.

REFERÊNCIAS

- Alves, I. C. B. (1997). As técnicas Projetivas no Psicodiagnóstico e sua Função na Psicoterapia. *Anais do I Encontro sobre Psicologia Clínica*. Universidade Mackenzie, São Paulo, p. 9-14.
- Alves, I. B., Marques, K. C. & Alchieri, J. C. (2001). Panorama Geral do ensino das Técnicas de Exame Psicológicos no Brasil. *Anais do I Encontro sobre Psicologia Clínica*. Universidade Mackenzie, São Paulo, vol I, p. 102 - 106.
- Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. 8ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Archanjo, C. M. A., Guntter, A. E. V., Camargo, C., Fabriani, C., Radomile, M. E. S., Scrich, R., Secco, E. C. T.; Panizza, A. P. G., Lima, B. G. L. (1998). *Aderência aos atendimentos psicológicos em uma clínica-escola de perfil comunitário*. VII Encontro Estadual de Clínicas-Escola. Construindo Identidade Profissional: Competências e Ética, p. 75.
- Conselho Federal de Psicologia - CFP (2003). Resolução n.º 002/2003. Disponível: . Acessado em: 07/07/2003.
- Conselho Federal de Psicologia - CFP (2001). Resolução n.º 25/2001. Disponível: www.pol.org.br/pesquisa/resposta_pesquisa.cfm?_area=15. Acessado em: 04/10/2002.

- Campos, L. F. L. (1995). Supervisão em terapia cognitivo-comportamental. Em: B. Rangé (org.) *Psicoterapia Comportamental e Cognitiva: Pesquisa, Prática, Aplicações e Problemas* (pp. 357-364). Campinas: Editorial Psy.
- Cunha, J.A. (2000) *Psicodiagnóstico-V: Fundamentos do psicodiagnóstico*. 5 ed.. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Noronha, A. P. P., Oliveira, K. L. & Beraldo, F. N. (2003). Instrumentos Psicológicos mais conhecidos e utilizados por estudantes e profissionais de Psicologia. *Psicologia Escolar e Educacional*, 7, 47-56.
- Noronha, A.P.P.; Alchieri, J. C., Primi, R., Freitas, F. A., Otati, F.; Savaris, P.F., Silva, S. V.F. & Schwan, S. (2002a). Elaboração de um sistema de Referência Nacional sobre Instrumentos de Avaliação Psicológica: Implantação de uma Base de Dados relacional sobre os testes psicológicos comercializados no Brasil [Resumo]. *I Congresso: Ciência e Profissão*, São Paulo.
- Noronha, A. P. P., Oliveira, A. F., Côbero, C., Paula, L. M., Cantalice, L. M., Guerra, P. B. C., Martins, R. M. M., & Felizatti, R. (2002b). Instrumentos psicológicos mais conhecidos por estudantes do Sul de Minas Gerais. *Avaliação Psicológica*, 1, 151 - 158.
- Noronha, A.P.P., Sartori, F.A.; Freitas, F.A.; Otati, F. (2002). Informações contidas nos manuais do testes de personalidade. *Psicologia em Estudo*, 7, 143-149.
- Noronha, A. P. P. (2002). Os Problemas Mais Graves e Mais Frequentes no Uso dos Testes Psicológicos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15, 135 - 142.
- Ocampo, M. L. S., Arzeno, M. E. G., Felzenszwalb, M., & Piccolo, E. G. (1986). *O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas*. São Paulo: Martins Fontes.
- Oliveira, K. P., & Castro, P. F. (2000). Levantamento das queixas apresentadas e das técnicas de exame psicológicos utilizados nos atendimentos em Psicodiagnóstico em uma clínica-escola. *XXX Reunião Anual de Psicologia. Psicologia no Brasil: Diversidade e Desafios* (p. 281). Universidade de Brasília / Finatec, Brasília – DF.
- Pasquali, L. (2001). Testes psicológicos: conceitos, história, tipos e usos. Em L. Pasquali (org.). *Técnicas de exame psicológico – TEP*. (pp. 13-56). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Prieto, G., & Muñoz, J. (1999). Un modelo para evaluar la calidad de los tests utilizados en España. Disponível em: <http://www.cop.es/tests/modelo.htm>. Acessado em: 04/11/2001.
- Quelho, A. M. C., Munhoz, A. M. H., Damião, J. B. B., & Gomes, L. M. (1999). Repensando em Psicodiagnóstico: a relação teoria e prática – uma questão de ensino e/ou aprendizagem. *PSICO-USF*, 4, (2), 13-22.
- Yukimitsu, M. T. C. P. (1999). A supervisão na formação do psicólogo clínico. Em C. Witter (org.). *Ensino de Psicologia* (pp. 169-204). Campinas: Alínea.

Recebido em: 17/11/04

Revisado em: 28/04/05

Aprovado em: 20/05/05

Endereço para correspondência:

Fernanda Andrade de Freitas: Rua Luís Nunes, 324 - Bairro Jacaré – CEP: 13318-000 – Cabreúva - SP
e-mail: ferfreitas@ig.com.br

Ana Paula Porto Noronha: Rua Alexandre Rodrigues Barbosa, 45 – CEP 13251-900 – Itatiba - SP
e-mail: ananoronha@saofrancisco.edu.br